

RODA DE CONVERSA

TEMA: TEATRO

Participantes: Flávio Melo, Nanaia de Simas, Carlos Doles e Benedito Augusto Oliveira (Benão)

Texto resumido por Carlos Doles

Sorocaba, 14 de outubro de 2015.

Teatro

1) Panorama Histórico

Diante dos relatos das jornadas pessoais de cada debatedor, percebemos a importância e potência do movimento teatral sorocabano para o estado de São Paulo e para o país. Sede de inúmeros festivais durante as décadas de 70, 80 e 90, a cidade se destacava por fomentar o encontro e discussão do teatro. Grupos, artistas e produções dão ao teatro sorocabano força de trabalho e resistência. Destaque para o Festival de Artes Terra Rasgada, Festival Tropeiro, Projeto Ícaro, Curta Teatro (todos extintos) que discutiam e fomentavam o Teatro, hoje extintos. FETABAS (60/70) e FESTA (80), federações importantes de teatro na cidade. Criação da Associação Teatral e lutas políticas pela criação da Secretaria da Cultura de Sorocaba. Nanaia aponta que o Festival Tropeiro era lei e questiona qual a sua situação atual, o que houve com essa lei?

Benão destaca o paradoxo entre teatro amador e profissional na cidade: Quando o teatro começa a se profissionalizar há uma queda no ímpeto criativo e revolucionário. Questionamento da identidade do Teatro sorocabano na atualidade.

2) Dos Fomentos, Teatro como profissão e modos de sobrevivência

Com base no panorama histórico apresentado, a discussão envereda para a profissionalização do teatro e seus artistas. A abertura de um mercado de trabalho que possibilite a sobrevivência de seus artistas produzindo na cidade e devolvendo essa produção para a própria cidade e pra o resto do país. São inúmeras as dificuldades encontradas. Algumas alternativas são destacadas como, por exemplo, as leis de incentivo e deitais públicos. Nanaia destaca que Sorocaba possui uma lei que incentiva o produto e não a sua produção e seus produtores. Isso diminui a autonomia e engessa o trabalho. Também aponta que isso está mudando nos últimos anos. Como alternativas encontramos o teatro-escola, o teatro-empresa que também são produzidos para agradar, sob encomenda, o que também engessa e impossibilita um trabalho autoral de fato. Então, como mudar esse cenário? Como criar espaços para a produção na cidade? Como criar um público para fruir essas produções? E como fomentar o mercado de forma que seus produtores consigam se manter com sua arte?

Flavio destaca o pensamento profissional na qualidade da pesquisa, nas maneiras de execução, mas que não consegue se vender e estar no lugar do mercado. Destaca que o mercado de arte, que tanto queremos alcançar, é utópico, não existe. Acredita que estamos nos limbo: que não nos encontramos no modelo que tínhamos no passado (amador) e não conseguimos entrar nesse modelo de mercado das artes (profissional). É preciso repensar os conceitos da formação de público, não sabe se este modelo onde formamos o público como consumidor de arte é o mais eficaz. Mais uma vez como construir caminhos para a subsistência?

Então podemos pensar em novas leis, novos editais: Leis específicas para cada área. Uma Lei de Fomento ao Teatro em Sorocaba.

Benão sugere discussões mais aprofundadas (conferências) sobre o tema. Discussões que ajudem o movimento teatral a sair do limbo. Pensar Mercado x Produção estética.

3) Da formação

Seguindo o caminho da discussão, Flávio nos leva a reflexão dos cursos de formação na cidade. Todos os cursos e oficinas de teatro da cidade são de iniciação. O que gera a falta de perspectiva do estudante. Teatro apenas como atividade e não como possibilidade de profissão. Afirma: Tem que ter iniciação teatral, tem que ter sempre, mas é preciso ter o além da iniciação. Acho que o caminho está nos grupos. Temos que olhar e ver perspectiva, que existem outros caminhos e a possibilidade de criar novos caminhos.

Outra questão que se apresenta é como formar o público? É preciso ir atrás desse público. Quando temos uma linha de pesquisa formulada e continuada, para quem eu quero apresentá-la? Flávio retoma a discussão do mercado, da não formação de consumidores. Arte não como ferramenta, mas como meio de conversa.

Benão ressalta que a formação de público passa pela continuidade de grandes encontros, de grandes acontecimentos tradicionais que apresentem e reflitam o Teatro (festivals, mostras, seminários, etc.) e que Sorocaba perdeu estes espaços, esses acontecimentos. Formação ligada a inter-relação entre os fazedores, a imprensa e a universidade. É preciso organizar uma agenda, nossa agenda está desorganizada. Precisamos destes lugares de encontro e reflexão, conclui.

Benão aponta para a necessidade de uma articulação maior e melhor entre os artistas de teatro da cidade, uma retomada a organização como classe em busca de representatividade. Quando organiza dialoga.

4) Dos espaços físicos

Marco Antônio (da plateia) nos traz as questões e problemática na utilização dos espaços. A falta de espaços físicos para a pesquisa de grupos, ensaios e apresentações dificulta o trabalho. Reconhece que atualmente uma série de grupos possuem, por conta própria, suas sedes que se mantêm a duras penas. Finaliza apontando que precisamos pensar em formas de manter esses espaços (editais e leis) e a abertura e facilidade de utilização de espaços públicos e espaços particulares fomentados para o teatro na cidade (criando assim, inclusive, integração).

É preciso resgatar a paixão, o teatro como forma de repensar e resignificar a cidade, seu convívio, suas questões, os cidadãos. É preciso pensar uma política pública continuada e não como algo que financia eventos pontuais. Retomamos a discussão de que o processo deve ser levado em conta e talvez esteja nele o verdadeiro valor. O produto não pode ser encarado como o mais importante, inclusive no pensamento de leis e editais (contrapartidas).

Pensamento que teatro de Pesquisa é produção de linguagem, de metodologia, de pensamento, de não formalização, de educação. Formação de público pelo viés da educação.

Sorocaba é uma cidade teatral, de forte movimento no teatro, e essa tradição deve ser mantida.